

A DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR

[\[ver artigo online\]](#)

Jéssica Alessandra Conceição da Silva¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a dislexia, que é um transtorno de aprendizagem, e como tal aponta para as dificuldades que o indivíduo apresenta durante o processo de desenvolvimento da aprendizagem da Leitura e da escrita, pressupostos importantes para o domínio da Língua Portuguesa. Sabe-se que para um tratamento adequado do transtorno, profissionais de várias áreas devem estar envolvidos nesse processo, como fonoaudiólogos, psicopedagogos, neurologistas, otorrinos, etc. Outro profissional importante, que deve ser envolvido no processo de aquisição do conhecimento e de habilidades necessárias para aprendizagem de crianças disléxicas é o professor. Portanto, direcionando o tema para o universo educacional concordamos que a escola tem como responsabilidade efetivar estratégias que colaborem no desenvolvimento intelectual da criança que possui a dislexia. Por esse motivo, o presente trabalho investigou através de pesquisa bibliográfica e análise de relatos sobre a dislexia, destacando suas características e possíveis causas.

Palavras-chave: Dislexia, Transtorno de Aprendizagem, Características.

DYSLEXIA IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT

This article aims to analyze the dyslexia that is a learning disorder, and as such points to the difficulties that the individual presents during the development process of learning to read and write, important assumptions for the mastery of the Portuguese language. It is known that for an adequate treatment of the disorder, professionals from various areas must be involved in this process, such as speech therapists, psychopedagogists, neurologists, ENT specialists, etc. Another important professional, who must be involved in the process of acquiring the knowledge and skills necessary for the learning of dyslexic children, is the teacher. Therefore, directing the theme to the educational universe, we agree that the school has the responsibility to implement strategies that collaborate in the intellectual development of the child who has dyslexia. For this reason, the present work investigated through bibliographic research and analysis of reports on dyslexia, highlighting its characteristics and possible causes.

Keywords: Dyslexia, Learning Disorder, Characteristics.

¹ Militar, Graduada em Pedagogia pela Faculdade Unyleya. Pós-Graduada em Gestão Educacional: Direção, Coordenação e Supervisão pela União Brasileira de Faculdades-UNIBF. Pós-Graduada em Psicopedagogia Educacional pela União Brasileira de Faculdades-UNIBF. Rio de Janeiro. E-mail: Jrsilva021@gmail.com



INTRODUÇÃO

Este artigo concentra o tema dislexia, observando a inclusão da criança disléxica, nas séries iniciais, nos ambientes escolares.

O interesse por este tema surgiu a partir deste ano por ter recebido um aluno disléxico no meu ambiente de trabalho, e não conhecer a fundo este tipo de transtorno, ficando um pouco apreensiva de como seria ter este aluno e como atendê-lo adequadamente para atingir os objetivos propostos, encontrando alternativas para que ele pudesse sentir-se feliz, acolhido e incluso junto aos demais alunos. Também pelas dificuldades encontradas hoje no cotidiano escolar, em especial nas séries iniciais, relacionado à leitura e escrita, onde nós educadores, sendo leigos neste tipo de assuntos, temos mais dificuldade para auxiliar nossos educandos que trazem este tipo de transtorno.

O presente trabalho propõe como objetivo central buscar informações e contribuições que estejam correlacionadas com as dificuldades de escrita e de leitura que apresentam no desenvolvimento pessoal e educacional de crianças tidas como portadoras de Dislexia. Propõe-se também estudar conceitos, definições, características, principais sintomas, identificação dos componentes físicos e intelectuais, seu reconhecimento pela família e educadores, observar quais são as possíveis ações e estratégias de professores, seu papel como educador e facilitador do processo de aprendizagem e os meios de se trabalhar pedagogicamente com uma criança portadora de dislexia.

Parte-se do princípio que a discussão sobre o problema da dislexia é um dos entraves mais proeminentes no cotidiano da sala de aula, onde fica expresso o comprometimento da capacidade da criança em ler, entender as palavras manuscritas ou impressas, de escrever e de soletrar palavras, bem como a compreensão de textos e raciocínio lógico.

Como será visto no decorrer do presente trabalho a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que afeta crianças, adolescentes e adultos em diferentes níveis educacionais, dificultando o processo de aquisição de leitura e escrita.

Pretende-se que com este estudo sobre as dificuldades de aprendizagem e a dislexia no seu contexto, contribuir para acadêmicos e profissionais que atuam na área da educação e que tem como responsabilidade em informar para a sociedade a importância desta síndrome

no contexto cultural que ela produz direta e/ou indiretamente a todos os envolvidos no meio educacional.

1. A História de Dislexia

Desde que o termo dislexia foi usado pela primeira vez em 1987, há certa dificuldade em defini-lo por parte de investigadores. Na tentativa de definir o significado do termo, Hennigh, 2003, apresenta de forma sucinta sua denotação “[...] o prefixo grego “dis” significa “dificuldade, perturbação” e o elemento grego de composição “lexia” remete a “ler” (HENNIGH, 2003, p.13). Sendo assim, conclui que o termo denota dificuldade em ler.

No entanto, a primeira definição do termo ocorreu em 1877 foi proposta a nomenclatura “cegueira verbal” por Adolph Kussmaul, que definia a dislexia como o resultado de uma lesão cerebral e forneceu subsídios para a definição que temos hoje. A “cegueira verbal” era compreendida como uma lesão na circunvolução angular do cérebro, esta é uma zona responsável pela linguagem. Acrescentou-se ainda que uma lesão ocasionada nesta área produziria a agrafia, ou seja, dificuldade em escrever (HENNIGH, 2003).

Contudo o primeiro caso de acordo com HENNIGH (2003), foi o Dr. Pringle

Morgan, médico inglês quem pela primeira vez em 1896 diagnosticou uma criança com cegueira verbal. Na descrição feita da criança o Dr. Pringle Morgan descreve “[...] um garoto brilhante e inteligente, rápido nos jogos e de nenhuma maneira inferior aos outros de sua idade. Sua grande dificuldade era aprender a ler” (PRADO, 2010, p.8). Uma criança de anos que se expressava muito bem oralmente, mas que, no entanto apresentava muita dificuldade para ler e escrever. O caso foi comparado ao de dois adultos, com as mesmas

dificuldades, só que estas foram causadas por ocorrência de uma lesão cerebral. Dr. Morgan junto com Hinshelwood, médico que estava interessado no caso, o caracterizaram de “cegueira verbal”, sendo esta entendida como um déficit grave, que ocorria em alunos inteligentes, mas que era de origem neurológica, e não ocasionado por lesão cerebral (HOUT; ESTIENNE, 2001 apud EVANS, 2006).

Mas somente em 1887 o termo dislexia foi apresentado pelo Dr. Rudolf Berlin

(RICHARDSON, 1989 apud HENNIGH, 2003). No entanto ele considerou que a dificuldade de leitura poderia decorrer de uma “doença cerebral” e não mais de uma lesão cerebral. A proposta apresentada por ele foi a primeira a reconhecer que a dificuldade dos disléxicos poderia ser causada por outro fator e não somente em casos de traumatismo craniano, isso porque, até aquele momento, a dislexia era entendida como algo obtido após o nascimento (HENNIGH, 2003).

Outra teoria apresentada na tentativa de explicar a dificuldade na leitura foi a do oftalmologista escocês, J. Hinshelwood, este apresenta em seu livro *Cegueira Verbal Congênita* (1917), a ideia de que a dificuldade em leitura poderia ser resultado do subdesenvolvimento da circunvolução angular (HENNIGH, 2003). Hennigh (2003) embasada em Hinshelwood (1917) e Richardson (1989) relata que o trabalho desenvolvido pelo oftalmologista J. Hinshelwood

[...] foi essencialmente conduzido com base em exames realizado no decurso de autópsias, tendo levantado a possibilidade de o subdesenvolvimento cerebral pode ser também o resultado de doenças, de lesões infligidas á nascença ou de uma predisposição genética (HENNIGH, 2003, p.14-15).

Através deste estudo realizado concluiu-se que “[...] os padrões da dislexia podiam ser suavizados através de um ensino individualizado e de abordagens os multissensoriais” (HENNIGH, 2003, p. 15), por meio de estímulos da área cerebral como; visão, olfato, tato e paladar, os indivíduos teriam a sua disposição mais meios para recorrer.

Diante da inúmeras teorias que surgiram na busca de explicar o que “provocava” a dificuldade de leitura, Samuel Orton foi um dos investigadores mais importantes no campo da dislexia foi que descreveu a ocorrência de inversões de leitura. Também apresentou o termo dislexia específica ou distúrbio específico de leitura, para fazer referência a crianças com dificuldade na aprendizagem de leitura (Medonça et. Al, 2011). Conforme apontado por

Hennigh (2003), Orton propôs a teoria da dominância mista:

[...] segundo qual a dislexia causada pela insuficiente dominância do hemisfério cerebral sobre o outro. Quando um individuo via um símbolo, os hemisférios direito e esquerdo do cérebro iriam codifica-lo de forma independente. A versão de cada um dos hemisférios seria o reverso, a imagem do espelho, do outro. A confusão resultaria do facto de não se

registrar uma dominância de um dos hemisférios do cérebro sobre o outro. Até que tal dominância fosse estabelecida, haveria uma incerteza sobre qual das imagens em espelho deveria ser seguida e, assim, o problema das inversões persistiria (HENNIGH, 2003, p.15).

Outro fator muito importante no campo de investigação de Orton é que “considerava a dislexia uma desordem essencialmente psicológica e via-a como um problema de caráter do desenvolvimento e não inteiramente congênito” (HENNIGH, 2003, p.15). Levando em consideração fatores hereditários e as influências que o ambiente exerce. Além do mais

Orton não via as competências de linguagem das crianças (ler, escrever, falar, ouvir) de forma independente, o que é muito importante. Centrava-se na natureza unitária do sistema de linguagem e frisava que um atraso na aquisição de competências de leitura poderia denotar um atraso no desenvolvimento de todo sistema dedicado á linguagem (Orton, 1937; Richardson, 1989). (HENNIGH, 2003, p.15-16)

É importante ressaltar que inicialmente ao se falar sobre a dificuldade de leitura e da escrita, esta era denominada como afasia. Afasia significa perda ou diminuição da capacidade de usar ou compreender palavras, decorrente de uma lesão cerebral. O termo existe desde o início do século XIX. Foram descritos quatro tipos de afasia:

Primeiro, temos a afasia de recepção ou sensorial que consiste na alteração da recepção de signos verbais e, conseqüentemente, na dificuldade de compreender enunciados. Em segundo lugar, a afasia motora e gráfica, a qual consiste a dificuldade em expressar pensamentos por escrito. Em terceiro lugar, a alexia, a qual corresponde a dificuldade em ler. Por fim, a agrafia, que se traduz na dificuldade de escrever (RICHARDSON, 1992 apud HENNIGH, 2003, p.13).

O termo dislexia ao surgir foi associado no geral a umas das afasias, fez-se a correspondência á alexia, a qual consiste na dificuldade de ler (HENNIGH, 2003).

É ainda importante ressaltar que com o surgimento do termo dislexia apareceram várias definições a cerca do mesmo. Para Evans (2006) a dislexia é um distúrbio específico da linguagem, caracterizado por dificuldades de reconhecimento de letras, decodificação e

soletração de palavras, ou seja, o aluno apresenta dificuldade em decodificar ou compreender palavras, o que compromete a aprendizagem.

Já a definição que surgiu em 1995, e foi bastante utilizada, considerou a dislexia como sendo um distúrbio de aprendizagem, a qual surgem dificuldades que não são esperadas para a idade. Essas dificuldades apresentadas incluíam dificuldades com leitura, dificuldades de escrita e de soletração (LYON, 2003 apud EVANS, 2006).

Outra definição é a apresentada por Davis (2004), que a define como sendo:

[...] um tipo de desorientação causada por uma habilidade cognitiva natural que pode substituir percepções sensoriais normais por conceituações; dificuldades com leitura, escrita, fala e direção, que se originam de desorientações desencadeadas por confusões com relação aos símbolos. A dislexia se origina de um talento perceptivo (p.38)

A definição adotada pela Associação Brasileira de Dislexia em 2003 descreve a dislexia como sendo a

[...] incapacidade específica de aprendizagem de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiências de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais (PINTO, 2012, p.22).

No entanto Alves et al (2011), aponta que o conceito mais aceito atualmente é definido como:

[...] um transtorno específico de aquisição e do desenvolvimento da aprendizagem da leitura, caracterizado por um rendimento em leitura inferior ao esperado para a idade e que não se caracteriza como o resultado direto de comprometimento da inteligência geral, lesões neurológicas, problemas visuais ou auditivos, distúrbios emocionais ou escolarização inadequada (ALVES et al, 2011, p.30).

Mesmo havendo várias definições acerca da dislexia, ela pode ser caracterizada de maneira geral como uma dificuldade de reconhecimento de letras, decodificação, soletração de

palavras e baixo rendimento em leitura pela criança. Evans (2006) ressalta que não se deve homogeneizar estas características em relação às crianças, pois cada indivíduo pode apresentar características distintas umas das outras.

1.2 Possíveis causas da dislexia

Primeiramente deve-se compreender que o processo de desenvolvimento da leitura é algo complexo e, conforme apresentando por Navas (2011), depende de outras habilidades, como a “[...] linguagem oral, memória, atenção, coordenação visual e manual” (p.41). Também afirma que o ato de aprender a ler e escrever envolve questões de domínio do código alfabético e relações de sintaxe, semântica, coesão e coerência. Considera que este processo não ocorre apenas no ambiente escolar, já que as crianças antes de chegarem a escola já vivenciaram o mundo da escrita e da leitura, e que este servirá para inseri-la na sociedade letrada.

Entendo este como um processo complexo e que depende de diversas habilidades Navas (2011) enfatiza que vários fatores podem interferir na aprendizagem da criança, e que podem levá-la a apresentar dificuldades de aprendizagem no início da alfabetização, tendo como causas: “[...] razões físicas, culturais, sociais, econômicas, pedagógicas e/ou emocionais” (NAVAS, 2011, p.44). No entanto, a autora, aponta que há outro motivo pela qual a criança possa vir apresentar dificuldades de aprendizagem, que pode ser por uma condição de ordem funcional, como é o caso de criança com dislexia.

Na busca por entender quais motivos levavam as crianças apresentarem tais dificuldades várias teorias foram elaboradas buscando descobrir origem/causa da dislexia. Conforme apresentando anteriormente, há diversas definições acerca do termo dislexia e também existem diferentes teorias sobre sua origem/causa. Para Carvalhais e Silva (2007) “entre as várias teorias explicativas das causas da dislexia de desenvolvimento apontam-se teorias cognitivas, de base neurobiológica, teorias genéticas e hereditárias e teorias que se apoiam em fatores ambientais” (p.22).

Dentre as várias teorias elaboradas, inicialmente, relacionavam à dislexia as dificuldades de processamento visual (Bronner, 1917; Orton, 1937 apud CARVALHAIS; SILVA, 2007). Ou seja, conforme Carvalhais e Silva (2007)

apresenta “[...] as dificuldades de leitura e escrita seriam resultados de problemas ao nível da discriminação visual, dos movimentos oculares e da memória visual” (p.22).

No entanto, a partir da década de 70, sobretudo, que novas teorias surgiram visando explicar as causas da dislexia, atualmente tem se claro que “[...] a dislexia é uma desordem de base neurológica com origem genética [...]” (p.22). Em estudos realizados por Fisher e DeFries (2002) apresentado por Carvalhais e Silva (2007), estes comprovam que a dislexia tem origem genética verificando casos de dislexia em gêmeos monozigóticos que correspondeu 68% e dizigóticos 8%.

Em outro estudo de Carvalhais e Silva (2007), Grigorenko e colaboradores (1997), estes buscam definir quais os genes implicados na dislexia. Em sua pesquisa identificaram o cromossomo 15, associando este a dificuldade de leitura e escrita e ao cromossomo 6 o déficit fonológico. Lyon (1999) citado por Evans (2006), também salienta que devido a origem genética da dislexia, esta se torna um transtorno hereditário, uma vez gene “transmissor” emerge de uma pequena ramificação do cromossomo 6, e este é dominante, explicando assim vários casos de dislexia em uma mesma família. Portanto, o histórico familiar é um dos mais importantes fatores de risco. Levando este dado em consideração Capellini et. al (2007) afirma que entre 23% a 65% dos indivíduos que apresentam dislexia, os pais tem o mesmo diagnóstico.

Também é possível encontrar outras teorias que procuram explicar as causas da dislexia, como a teoria do déficit no processamento temporal. De acordo com Habid (2000) citado por Murphy e Schochat (2009) “[...] dificuldades estariam em processar características temporais de estímulos de diferentes modalidades sensoriais, como estímulos auditivos, visuais e sensório-motores, quando apresentados de maneira rápida e em sequência” (p.14). E ainda acrescenta que esta dificuldade envolvendo o processamento auditivo temporal esta relacionado a um problema em processar elementos acústicos curtos, como as consoantes, o que leva a dificuldade de associar as letras aos seus sons.

Para que a aprendizagem ocorra normalmente é necessário que haja condições estruturais e funcionais do sistema nervoso central, ao ocorrer uma anomalia nestas áreas de desenvolvimento isso poderá acarretar alterações na aprendizagem (ZORZI; CIASCA, 2005). Sendo que a dislexia fonológica esta relacionado com disfunções no lobo temporal, outra teoria recorrente é a do déficit fonológico, que consiste na incapacidade de representar e acessar o

som palavra. De acordo com Carvalhais e Silva (2007), em pesquisa apresentada por Vellutino e cols (1997), os disléxicos exibem dificuldade em termos de segmentação fonológica, ou seja, de dividir as palavras em unidades menores, que são os fonemas. Portanto, devido às falhas nas conexões cerebrais, o cérebro de disléxicos não funciona da mesma maneira que os cérebros de pessoas não disléxicas. Para explicar esta ocorrência Evans (2006) recorreu Gorman (2003), apontando que

[...] no processo de leitura, os disléxicos utilizam somente a área cerebral que processa fonemas, gerando como consequência disso a dificuldade que apresentam os disléxicos em diferenciar fonemas de sílabas, pois sua região cerebral responsável pela análise de palavras se mantém inativa, além de suas ligações cerebrais que não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, assim, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado, tornando a leitura um grande esforço, pois toda palavra que lê aparenta ser nova e desconhecida (EVANS, 2006, p.16).

Devido aos avanços nos exames por meio de neuroimagens, esses evidenciam o funcionamento cerebral durante o processamento da linguagem, sendo possível notar “diferenças no funcionamento cerebral, nas áreas envolvidas no processamento de linguagem de crianças apresentando problemas de leitura e escrita (SHAYWITZ, 2005 apud ZORZI; CIASCA, 2009). Evans (2006) também aborda outra causa bastante apontada, que é o atraso na aquisição da fala o que pode vir a comprometer a percepção fonética.

Outra teoria aborda é a da lateralização, Fichot (1973) aponta que: A falta de homogeneidade na lateralização justificaria uma perturbação do controle cortical. Haveria um conflito de domínio hemisférico: este facto é um dos que parecem estar na origem de certas desordens, em particular da dislexia e de certas perturbações da linguagem (cujo centro se encontraria no hemisfério esquerdo) (p.40).

Com base nessas afirmativas é possível considerar que as perturbações podem dificultar a aprendizagem de leitura, uma vez que esta depende da organização espacial, manual e da orientação em relação ao corpo.

2. CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA

O processo de desenvolvimento da leitura e a escrita envolvem muitas atividades complexas. Por isso, este é um processo que pode provocar as mais diferentes dificuldades durante o desenvolvimento da aquisição da leitura e da escrita. Um dos aspectos que chama atenção neste momento são os erros ortográficos cometidos pelas crianças na produção de escritas. No entanto, é normal que no início do processo de alfabetização cometa-se esses tipos de “erros”, até que se consiga dominar o sistema ortográfico, já que é um processo evolutivo e as hipóteses de escrita estão sendo elaboradas (ZORZI; CIASCA, 2009). É normal que neste início de aprendizagem o aluno troque letras e/ou palavras, sem que isso possa ser considerado preocupante (PRADO, 2010).

Contudo, algumas vezes estes tipos de “erros” permanecem e esta permanência pode “[...] refletir déficits que produzem dificuldades ou lentidão acentuada no sentido de a criança gerar e generalizar hipóteses que, sucessivamente, permitam a apreensão cada vez mais aprofundada da escrita” (ZORZI; CIASCA, 2009, p.407). Portanto, mesmo sabendo que a criança passa por este processo de elaboração de hipóteses, quando os erros começarem a persistir é necessário estar atento, e realizar uma investigação sobre o problema apresentado.

De acordo com Giacheti e Capellini (2000), Rotta e Pedroso (2006), a dislexia consiste em um distúrbio que atinge crianças sem deficiência intelectual, sem déficits sensoriais, que aparentemente receberam instrução educacional apropriada, mas que, não apresentam bom desempenho de leitura e/ou escrita. Pesquisas realizadas recentemente apontam que 10% dos escolares são disléxicos, “isso significa que a cada 40 crianças, haverá uma ou duas que precisam de ajuda especializada, e duas ou mais que precisarão de algum outro nível de ajuda” (SMYTHE, 2011, p.154).

Segundo Rotta e Pedroso (2006) muitas vezes o aluno começa apresentar dificuldades desde o primeiro ano escolar, mas se a escola não entender essas dificuldades como algo a se preocupar, somente após o terceiro ano escolar é que estas dificuldades começará a ser notada, já que é neste período que inicia-se maiores cobranças em relação ao desempenho escolar. Sendo assim, Catss e Chan (2011), consideram que a identificação precoce da dislexia é um grande desafio uma vez que o principal sintoma é a dificuldade em aprender a ler, assim é necessário esperar que a instrução adequada de leitura seja dada para que se possa realizar o diagnóstico.

Esta pratica, muitas vezes, adia a identificação da 2º ou 3º séries.

Felizmente, uma pesquisa revelou “sinais clínicos” e práticas educativas que permitem que os profissionais e os educadores identifiquem crianças com dislexia, antes, ou logo no início da instrução formal da leitura (CATSS; CHAN, 2011, p-55-56).

Rotta e Pedroso (2006) baseado em estudos de Nico e colaboradores explicam que é durante o período de 6 a 7 anos que fica mais perceptível a dislexia, pois nessa fase pais e professores começam a perceber dificuldades das crianças em aprender a ler, escrever, calcular e soletrar. “A leitura lenta, trabalhosa e individual da palavra impede que a criança de compreender o que leu” (p.153).

Levando em conta que a dislexia é um transtorno linguístico, e que suas primeiras manifestações iniciam-se ainda na infância e que persiste na vida adulta, é possível notar manifestações desta em diferentes fases. “É importante destacar que a presença destas características, particularmente na pré-escola e séries iniciais, não determinam um quadro disléxico por si só” (MOOJEN; FRANÇA, 2006, p. 170). Mas podem servir como um sinal de alerta.

A seguir apresento algumas características que podem ser observadas a educação infantil (0 a 6 anos):

Certa lentidão no desenvolvimento das habilidades da fala e linguagem expressiva-de modo geral, atrasando a aquisição de fonemas e automatização de uma fala semelhante ao padrão de adulto; Dificuldade em tarefas que exijam habilidades fonológicas, tais como dividir uma palavra em pedaços e brincar com rimas; Dificuldade para reconhecer letras e evocar palavras (vocabulário restrito) (MOOJEN; FRANÇA, 2006, p.171).

Outros sinais comuns de dislexia na educação infantil que deve-se atentar é: a fala tardia; a dificuldade de pronunciar alguns fonemas; a falta de vocabulário demorando a inserir novas palavras; a dificuldade para aprender cores, as formas, os números e escrita do nome; as dificuldade para entender regras e a rotina; apresenta falta de habilidade motora fina; dificuldades em recontar uma história e manter sua sequência (PRADO, 2010).

Um dos fortes indicadores de que a criança apresentará dificuldade de leitura e escrita futuramente está relacionada ao atraso na fala, ou seja, deficiências no processo fonológico, estes são perceptíveis ainda da educação infantil, e essas crianças são conhecidas

como “riscos” para o desenvolvimento da dislexia (PRADO, 2010). Complementando a ideia de Prado (2010), Navas (2011) aponta que este indício pode ser observado nos anos pré-escolares como vocabulário pobre, mau uso da gramática e problemas no processamento fonológico. Portanto,

Uma extensão desta visão sugere que os atrasos ou os distúrbios no desenvolvimento da linguagem nos anos pré-escolares podem ser os primeiros sinais da dislexia. Numerosos estudos têm demonstrado que crianças com dislexia geralmente têm uma história de dificuldade de linguagem oral. (CATSS; CHAN, 2011, p.57)

Nesse contexto, Catss e Chan (2011) afirmam que a pergunta central a se fazer é: quantos “falantes tardios” realmente desenvolveram a dislexia? Uma vez que muitos dos falantes tardios, futuramente, podem não apresentar problemas graves de leitura/soletração para serem identificados com disléxicos, sendo necessários assim fatores adicionais. Deste modo, “falantes tardios” “[...] devem ser considerados um sinal significativo de risco para a dislexia, quando combinado estes com outros fatores de risco” (CATSS; CHAN, 2011, p.58).

No período escolar deve-se observar:

Desempenho inferior nas tarefas de habilidades fonológicas; Déficits na nomeação rápida; Dificuldade em aprender a ler e escrever; Memória de curto prazo deficiente; Dificuldades de aprender sequências comuns (dias da semana, meses do ano); Dificuldades na matemática não apareceram na capacidade de desenvolver o cálculo aritmético, mas, em alguns casos, durante a tentativa de interpretar o problema lido (MOOJEN; FRANÇA, 2006, p.171-172).

Em relação ao período escolar que corresponde ao ensino fundamental deve-se atentar a algumas características, tais como:

[...] dificuldade em aprender o alfabeto; dificuldade no planejamento motor de letras e números; dificuldade para separar e sequenciar sons (ex: p-a-t-o); dificuldade com rimas (habilidades auditivas); dificuldade em discriminar fonemas homógrafos (p-b, t-d, f-v, k-g, x-j, s-z); dificuldade em sequência e memória de palavras; dificuldade para aprender a ler, escrever e soletrar; dificuldade em orientação temporal (ontem-hoje-amanha, dias da semana, meses do ano); dificuldade de orientação espacial (direita-esquerda, embaixo, em cima); dificuldade na execução da letra cursiva; dificuldade na preensão do lápis; dificuldade de copiar do quadro” (PRADO, 2010, p.16 - 17).

Na fase adulta pode-se observar: “Tendência de leitura lenta, embora alguns sejam capazes de ler corretamente; dificuldade com ortografia e produção textual” (MOOJEN; FRANÇA, 2006, p.172).

Rotta e Pedroso (2006) consideram a dislexia como um transtorno específico que compromete o reconhecimento de palavras, afetando a compreensão da leitura. De acordo com Margie Bruck (1999) apud Moojen e França (2006) os disléxicos apresentam maior lentidão para realizar leitura de palavras e pseudopalavras. A dislexia surge desde primeiros anos escolares e é diagnosticada em indivíduos com capacidade intelectual normal. Caso surja mais tarde, poderá estar relacionada a uma lesão cerebral, configurando-se como dislexia adquirida. É considerada dislexia adquirida quando “Ocorre em sujeitos que têm visão e audição normal ou corrigida e que não são portadores de problemas psíquicos ou neurológicos graves, que possam justificar por si só, as dificuldades escolares” (MOOJEN; FRANÇA, 2006, p.168).

Outro fator indicativo precoce da dislexia é a dislexia hereditária ou histórico familiar. “Quando o histórico familiar é combinado com os primeiros atrasos de linguagem receptiva e expressiva (fala-tardia) ou com um distúrbio específico de linguagem, o risco para a dislexia deve ser considerado elevado” (CATSS; CHAN, 2011, p.64). Um dos primeiros sinais a serem levados em consideração é a história familiar em relação a dificuldade de leitura. Pesquisas demonstram que existem 40% de chance de uma criança ter dislexia, se já houver um irmão ou pai com dislexia na família.

Outro indicador precoce é a má organização do espaço, no qual a criança apresenta dificuldade em situar às partes do corpo, dificuldades para reconhecer sua direita e esquerda e em cima e em baixo. Indicativos de má lateralização podem ser identificados através do desenho, no momento que a criança desenha bonecos de cabeça para baixo, observa o livro de trás para frente, dentre outras características (FICHOT, 1973).

Catss e Chan (2011), também apontam como fator de risco para a dislexia a dificuldade da nomeação de letras, no entanto ressaltam que esta dificuldade pode ser causada pela má formação no processo de alfabetização, sendo assim necessário realizar um processo de intervenção antes do diagnóstico.

Buscando caracterizar as dificuldades apresentadas por disléxicos e levando em conta que a dislexia consiste na dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita. José (1993) descreve que os principais sinais são “[...] as dificuldades de escrever, a inversão de letras e a leitura lenta, em que o aluno pronuncia uma sílaba por vez” (p.21). Também pode ocorrer a troca de fonemas com sons semelhantes como, p por b, f por v e m por n. Pode ter ocorrência de omissão ou repetição de letras. Apresentam erros de cópias, mesmo se realizado a cópia da lousa ou livro (JOSÉ, 1993).

A Associação Brasileira de Dislexia (ABD) (2002) elenca as seguintes manifestações da dislexia

a) um atraso na aquisição das competências de leitura e escrita; b) confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças de grafia (a-o; c-o; f-t, h-n, m-n; v-u;...) confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço (b-d, d-p; d-q; n-u; a-e...); inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras (me- em: sal, la; ...); c) substituição de palavras por outras de estrutura similar, por com significado diferente (saltou-salvou;...); d) adição ou omissão de sons, sílabas ou palavras (famosa-fama; casaco- casa;...); e) leitura silábica, com bastantes correções; f) problemas de compreensão semântica; g) elegibilidade da escrita, letra rasurada, presença de muitos erros ortográficos e redação de ideias desordenadas e sem nexos. (ABD, 2002 apud PRADO, 2010, p.14 e 15).

Conforme apresentado por Prado (2010) o centro do problema é o fonema, ou seja, a menor unidade de som. O disléxico tem dificuldade em escutar os sons individuais. Fichot (1973) ainda acrescenta que devido a este problema, o disléxico apresenta dificuldades na diferenciação auditiva dos sons, podendo aparecer no momento da diferenciação dos seguintes fonemas; c-g, p-, f-v, ch-j, t-d.

No momento da leitura o disléxico apresentará dificuldades em entender o que está lendo, apresentando dificuldade em agrupar as palavras, e efetuar a leitura pausadamente, utilizando a pontuação, além de inversões das sílabas. Provocando assim, uma leitura lenta, monótona e

silábica (FICHOT, 1973). Portanto, “a leitura lenta, trabalhosa e individual de palavras impede a habilidade da criança, adolescente ou adulto de compreender o que leu, mesmo que sua capacidade de compreensão da língua falada seja adequada” (PRADO, 2010,p.12).

No momento da produção textual, o dislético terá dificuldades em utilizar conjunções e tempos verbais. Apresentará problemas de compreensão em relação ao que escreveu. Exibirá ausência de margens, irregularidade da direção de linhas e “a própria escrita é mal coordenada, geralmente cortada, retocada, lento no desenrolar, refletindo as hesitações do dislético, perante a escolha e a forma da letra a escrever” (FICHOT, 1973, p.33).

De acordo com Rotta e Pedroso (2006) existem autores que classificam a dislexia em três tipos: disfonética, diseidética e mista. A primeira é caracterizada pela dificuldade de ler palavras desconhecidas, a criança tenta adivinhar o que está escrito, comete erros na leitura e na escrita do tipo; inversões, omissões e aglomerações de fonemas ou sílabas. Na segunda a leitura é realizada de forma lenta, com decomposição das palavras, os erros mais comuns da escrita são; inversões e falhas na acentuação. A dislexia mista é caracterizada por apresentar associações das duas anteriores, com diferentes combinações e intensidades. Pode-se também distinguir a dislexia como sendo; a dislexia do desenvolvimento e dislexia adquirida ou alexia que surge de uma lesão cerebral (CARVALHAIS; SILVA, 2007).

Navas (2011) ressalta que primeiramente a criança com dislexia é identificada com uma dificuldade escolar. A autora coloca que este quadro inicialmente identificado foi trabalhado pelo professor com estimulação da linguagem e processamento fonológico, esta dificuldade seria sanada em sua maioria. Mas esta intervenção não seria o suficiente em caso de diagnóstico de dislexia, neste caso a criança precisa de acompanhamento especializado.

Podemos concluir que confusões e inversões podem desaparecer progressivamente, e quando houver persistências destes “sintomas”, é possível distinguir o dislético (FICHOT, 1973).

Contudo vale lembrar que cada indivíduo é único em suas manifestações, levando em consideração que existem várias formas da dislética, podendo apresentar apenas uma característica ou vir associadas a outras. Sendo assim, é necessário uma análise mais profunda, para definir a melhor forma de intervenção (MEDONÇA et.al, 2011).

Quadro 1 – Conceitos de dislexia

- Dislexia Disfonética

1. Trocas de fonemas (sons) e grafemas (letras diferentes): moto – modo;
2. Alteração na ordem das letras e sílabas: azedo – adezo;
3. Omissão e acréscimos: escola – ecola, nem – neim.
4. Substituições de palavras por sinônimos ou trocas de palavras por outras visualmente semelhantes: infâmia – infância.

- Dislexia Diseidética

1. Leitura silábica, sem conseguir a síntese das palavras: comigo – com-migo
2. Aglutinações e fragmentações de palavras: fazer isso – fazerisso, enquanto – em quanto;
3. Troca por equivalentes fonéticos: vaca – faca, pato – bato.
4. Maior dificuldade para leitura do que para escrita.

Fonte: PONÇANO, Neuza Aparecida. A dislexia como dificuldade de aprendizagem sob a ótica do professor, 2007. P. 46 e 47. Adaptado

Existem diferentes tipos desse transtorno de aprendizagem, que possuem a origem calçada na neurobiologia. Uma vez que o conceito de dislexia baseia-se na dificuldade da leitura e escrita, é possível perceber que o transtorno manifesta-se nos demais sentidos do indivíduo: visão e audição.

O Instituto Português de Dislexia e outras necessidades - IPODINE explica que são três os tipos de dislexia: Dislexia visual, também conhecida como ortográfica ou disortográfica; a dislexia auditiva ou fonológica/disfonética e, por último, a dislexia mista, que seria um conjunto dos dois tipos já citados anteriormente.

Ainda segundo a IPODINE, a dislexia visual refere-se a falta de ordem executada pela criança. Ela não segue uma sequência, quer seja ao contar uma história ou situar os dias da semana e apresenta também dificuldade na escrita. O Instituto de Apoio e Desenvolvimento – ITAD (2018) acrescenta que na dislexia visual, as crianças apresentam “confusão entre grupos de letras e dificuldade em transformar letras em sons. Confundem letras e palavras parecidas”.

O segundo tipo, a dislexia auditiva, está ligada a dificuldade que as crianças tem em reconhecer os sons da língua. A dificuldade que possuem em reconhecer e diferenciar grafemas e fonemas não permite que elas escrevam a palavra corretamente, assim como separar as sílabas ou soletrar algo. É muito comum que as crianças que apresentam esse tipo de dislexia confundam o som do m com n e as letras b, d, t, p e g.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo tem como objetivo entender do que se trata a dislexia e compreender as suas causas, atentando-se as suas características que podem ser observadas em crianças que estão iniciando o processo escolar. Esclarecendo a importância de haver um diagnóstico precoce para o melhor desenvolvimento do sujeito e assim apresentar possíveis formas de intervenção, conforme salientado no trabalho não existe uma exclusiva que atenda a todos os disléxicos, e atividades que possam auxiliar no desenvolvimento do disléxico e ainda analisar atividades desenvolvidas por um disléxico.

Através da pesquisa realizada foi possível notar que a dislexia, teve outras diversas definições, algumas foram aperfeiçoadas e outras simplesmente descartadas. Em relação às causas/origem também foram citados vários trabalhos que destacam várias hipóteses, tendo como base teorias cognitivas, neurobiológicas, genéticas e hereditárias. Também em relação às características da dislexia foi observado que existem indícios desde a educação infantil que podem indicar a dislexia, mas somente no período da alfabetização esta poderá ser comprovada, uma vez que neste período que é mais perceptível as dificuldades.

Existem muitas maneiras que podem ser usadas para o tratamento/intervenção junto ao dislético, conforme salientado no trabalho não existe uma exclusiva forma de intervenção que atenda a todos os disléticos, uma vez que cada dislético pode apresentar dificuldades variadas, no entanto alguns pontos são de fundamental importância neste trabalho como: a linguagem, raciocínio, concentração, percepção, esquema corporal, orientação espacial, temporal e a lateralidade. O professor deve exercer o papel de facilitador e orientador, proporcionando um ambiente estimulante, também podem incluir atividades que trabalhem com a consciência fonológica; atividades multissensoriais; trabalhar com a leitura de forma que desperte o interesse do aluno por esta; a minimização do rótulo dislético deve ser trabalhado, para que este não sofra com situações vexatórias. O apoio da família é fundamental, uma vez que este pode ser positivo ou negativo para o aluno, a família deve ter consciência de que os disléticos são capazes de aprender e só necessitam de um tempo maior.

Outra questão abordada é a importância do diagnóstico multidisciplinar, e ressaltar que este não é somente para rotular, mas sim para definir a melhor forma de intervenção, demonstrando o trabalho desenvolvido pela Associação Brasileira de Dislexia, e a forma como esta atua e seu papel de apoio a família e ao dislético.

Por fim, é importante ressaltar que o trabalho aborda questões pertinentes aos professores e futuros professores uma vez que estes poderão receber em sua sala de aula uma criança com dislexia, ou estão diante de um aluno que apresenta tais características citadas, e às vezes não compreendem nem conhecem este distúrbio de aprendizagem.

Apesar de ser um assunto de extrema importância, os estudos realizados acerca do tema ainda são poucos no Brasil. Ao iniciar o levantamento para a pesquisa foram poucos os trabalhos encontrados e a maioria dos encontrados referiam-se á estudos de grupos comparativos de disléticos e não-disléticos e aplicação de testes, o que limitou o uso de determinados autores. Assim sendo, espera-se que este trabalho possa auxiliar novas pesquisas acerca deste tema, e que sirva de suporte para os que buscam mais informações a respeito da dislexia.

REFERÊNCIA

ABD- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em: 21/04/2021.

BRANDÃO, Leticia Peixoto Morais. **Dislexia: Características e Intervenções**. Especialização em Educação Especial e Inclusiva. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2015. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/R201671.pdf. Acessado em: 24/04/2021.

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf. Acesso em: 24/04/2021.

FIGUEIRA, Guilherme Luiz Mascarenhas. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf. Acesso em 21/04/2021.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2a. ed. Porto Alegre: Artes Mídicas, 1999.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **O desenvolvimento da competência linguística na Dislexia**. Especialização em Psicopedagogia Institucional. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf. Acesso em: 24/04/2021.

GIROTO, C.R.M. (Org.). **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola** São Paulo: Plexus, 2001. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=fxPKQ-VVGH8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=info:3kwj7wE114wJ:scholar.google.com&ots=Kf19kKuS6A&sig=3eW1UzC3-nixYmr7H3zrntFLOxY&redir_esc=y#v=one-page&q&f=false. Acesso em: 22/04/2021.

MARSILI, Mira Allil. **Dislexia no contexto da aprendizagem.** Especialização em Controladoria e Finanças. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf. Acesso em: 22/04/2021.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos.** Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf. Acesso em: 22/04/2021.